

O EMPRESÁRIO BRASILEIRO DOS DIAS ATUAIS

* **Selme Maria de Athayde**

Graduada em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais

Mestre em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito Administrativo. Atuando principalmente no seguinte tema: e Município, Poderes Públicos, Independência e harmonia.

Falar do Empresário Brasileiro nos dias de hoje, é o mesmo que nele reconhecer um guerreiro, que luta muitas vezes contra a maré de ventos contrários, ameaçado o seu barco a qualquer momento do naufrágio, diante de uma economia instável, das crises econômicas mundiais que o afetam e da falta de interesse do governo na busca de soluções viáveis para manter de pé a sua empresa.

Tempos difíceis para o empresário, e, sobretudo, o brasileiro!...

Para entender melhor o que se passa, remonta-se às ideias socialistas que se difundiram pela Europa, pelas Américas e pelo mundo, advindas de figuras históricas como KARL MARX, ENGELS, LENIN e outros, que culminaram com a Revolução Russa e, na América, a Revolução Cubana.

Visavam, sobretudo, à valorização do trabalho, como instrumento primordial indispensável à aquisição de riquezas, enquanto negavam o direito à propriedade privada, cujo capital passou a se concentrar inteiramente nas mãos do Estado.

O Estado, antes liberal, passou ao polo oposto, ou seja, aintervir diretamente na economia transformou-se em Estado Socialista, o dono de tudo e de todos, até mesmo da própria liberdade das pessoas.

No Brasil, surgiu paralelamente à figura do Estado Empresário, Intervencionista, o monopólio de determinadas indústrias consideradas necessárias à segurança nacional, dentre as quais, o monopólio da portentosa PETROBRÁS, hoje alvo inclusive, de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, que tramita no Congresso Nacional, com vistas à

apuração de irregularidades e superfaturamento na compra de uma refinaria de petróleo com prejuízos para o Estado brasileiro.

O Estado Empresário fracassou e a economia passou em grande parte às mãos da iniciativa privada, com a privatização de várias indústrias no Brasil.

Vale dizer que a Constituição brasileira vigente consagrou os valores sociais do trabalho e a livre iniciativa como princípios constitucionais do ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO e da Ordem Econômica.

O trabalho está diretamente relacionado ao capital, e, juntos constituem forças propulsoras do desenvolvimento econômico nacional.

Capital e trabalho não são forças antagônicas, mas antes se completam.

Resta saber, nas mãos de quem deve estar o capital? Para os socialistas, nas mãos do Estado, teoria esta, já superada em face das provas do insucesso, geradas pelas crises econômico-financeiras do Estado socialista, da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e de Cuba.

Assim, a grande esperança do desenvolvimento econômico social no Brasil passou a contemplar a livre iniciativa como algo essencial, ou seja, qualquer brasileiro, que preencher os requisitos da lei, poderá constituir sua empresa, ou seja, ser empresário.

Para isso, terá ele de cumprir as obrigações sociais de cunho trabalhista, impostas pelo Estado, e que não são poucas.

Paralelamente às obrigações sociais, o empresário brasileiro se vê onerado pelo excesso de tributos, responsáveis em grande parte pelo naufrágio de sua empresa.

Ao invés de ser valorizado como força propulsora do desenvolvimento nacional, sente-se o empresário, muitas vezes, acuado, num beco sem saída.

Primeiro, a falta de incentivo da parte do Estado, que salva um banco da falência, mas não dá um passo para salvar o empresário, vítima dos elevados tributos, que o obriga a repassá-los ao consumidor, gerando a alta do produto e, conseqüentemente, a falta de competitividade no mercado.

Sem condições de enfrentar a concorrência de preços e ainda, assoberbado pela ameaça constante da elevação dos juros, fator que o impede da realização de novos investimentos, pois a política monetária nacional instável tem se apoiado nos juros, como instrumento detentor da inflação, o empresário brasileiro sente-se frustrado ao perceber sua impotência diante de tudo isso.

Desamparado, não tem alternativa, senão a de cerrar suas portas, de por fim à sua empresa, vítima da citada e exorbitante carga tributária, dos elevados juros, da falta de incentivo da parte do Estado, assoberbado com as obrigações sociais e com a falta de interesse dos políticos, preocupados em sua maioria, em atender aos interesses individuais ou de seu partido político, em detrimento do interesse público, o que é lamentável.

Enquanto isso, sonhos se vão...A política econômica em baixa... Descrença nas instituições... e até mesmo na Justiça, o sustentáculo da democracia.

A violência impera ... a segurança precária, assim como os sistemas de saúde e de educação ... O que fazer?

Sabe-se que uma parcela considerável da sociedade encontra-se alheia a tudo isso, satisfeita com as migalhas do poder público, distribuídas de mão beijada para satisfação de interesses individuais, enquanto oportunidades de educação de qualidade, de saúde pública e de trabalhos condizentes à dignidade da pessoa humana, lhe são negadas.

O Brasil ressentido da vontade política, capaz de passar por cima dos interesses pessoais ou daqueles de caráter unicamente partidário e votar uma reforma tributária justa, com a introdução do imposto único, com o fim de salvaguardar o empresário e o povo brasileiro de uma das maiores cargas tributárias do mundo,

Para isso, urge também uma reforma política que permita o voto desprovido de outro interesse que não o público.

Você também é responsável, empresário brasileiro.

Que a classe empresarial se una e reivindique dos políticos, direitos peculiares ao Estado Democrático de Direito, uma reforma tributária e política que saiam dos corredores do

Congresso Nacional, com o fim do restabelecimento da credibilidade da sua empresa e da melhoria do PIB, em prol do desenvolvimento da economia nacional.

Para encerrar, a filosofia do empresário de sucesso, Norberto Odebrecht:

“ Ser empresário é muito mais do que escolher uma ocupação, serviço ou profissão no mundo do trabalho. É uma atitude básica diante da vida em toda sua inteireza e complexidade.”